

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Claudia Nieves da Silva Sousa (1), Bruno Oliveira de Lima (2), Dimas de Sousa Silva (3),
Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro Moita(4)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, claudianieves@hotmail.com.

Resumo

Os desafios impostos diante da inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais - NEE no ensino regular têm sido foco de discussões em diversos segmentos. Nesse contexto, o presente relato teve o objetivo de compreender a importância da educação inclusiva na formação docente, a fim de atender aos alunos com deficiências múltiplas no contexto escolar. Este estudo consiste em um relato de experiência vivenciado no Estágio e Docência do Mestrado de Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, durante a disciplina de Didática ofertada ao curso de Licenciatura em Educação Física, no período de Novembro de 2016 a Abril de 2017. Inicialmente foi realizada a apresentação e discussão do ementário, seguido pela apresentação de seminários, observação do desempenho docente fora da UEPB, finalizando com a criação de atividades funcionais para crianças com perda auditiva, visual e cognitiva, vítimas do zika vírus. Durante a execução dessas atividades realizadas pelos alunos, foi possível ver claramente o conceito da Didática que Comenius defende como sendo a arte de ensinar tudo a todos. Ou seja, não é por causa das condições que os alunos com NEE apresentam, que não devam aprender os mesmos conteúdos que os demais, cada aluno, deve ser trabalhado de acordo com suas especificidades. Assim foi possível perceber o interesse de muitos dos discentes nessa área de atuação. Isto permite a expansão de um modelo de preparação profissional, que, poderá induzir ao aprimoramento da formação acadêmica.

Palavras –Chave: Educação Inclusiva, Formação Docente, Educação Física, Didática, Zika Vírus.

(1)Mestrado em Educação (área de concentração - Biologia) pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, claudianieves@hotmail.com.

(2) Mestrado em Educação (área de concentração - Biologia) pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, bruno.skolimowsky@gmail.com.

(3) Especialista em Esportes de auto rendimento (Educação Física) pela Faculdade Integrada de Patos – FIP, dimas03silva@hotmail.com

(4) Doutora em Educação e professora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB filomena_moita@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os desafios impostos diante da inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais - NEE no ensino regular têm sido foco de discussões em diversos segmentos. Pois, a inclusão, não se dá apenas nos aspectos físicos de adaptação da escola, esta também ocorre, através da capacidade dos profissionais de educação se apropriar de práticas pedagógicas que venham atender a todo o público, desde deficientes físicos, cegos, surdos a alunos com transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades de superdotação.

A discussão da inserção de indivíduos com NEE originou-se no campo educacional, em meados da década de 90 com a Educação Inclusiva. Segundo Hegarty (1994) o conceito de **educação inclusiva** pode ser definido neste âmbito como "o desenvolvimento de uma educação apropriada e de alta qualidade para alunos com necessidades especiais na escola regular". Esse movimento teve início nos Estados Unidos da América e posteriormente espelhar-se pelo mundo até mesmo no Brasil, com início no século XIX (FERREIRA, 2003).

De acordo com o inciso III da Constituição Federal Brasileira de 1988 e as Leis de Diretrizes e Bases - LDB (Lei nº 9.394/96), no capítulo V, Art. 58ª que trata sobre a Educação Especial é entendida como uma educação complementar, não substituta ao ensino curricular das escolas regulares, sendo considerada uma modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para alunos com alguma necessidade especial (BRASIL, 1996).

Mas um dos marcos históricos que alavancou essa discussão a cerca da educação inclusiva, foi a "Declaração de Salamanca" (UNESCO, 1994) uma verdadeira "Carta Magna" que trata sobre as mudanças de paradigma da escola integrativa para a educação inclusiva. Toda a declaração aponta para um novo entendimento do papel da escola regular na educação de alunos com necessidades especiais.

Ante a esse novo paradigma, a Educação Física (EF) como disciplina curricular não pode ficar indiferente ou neutra face a este movimento da educação inclusiva. Concernente a isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Educação Física segundo o Ministério de Educação, Brasil (1998), afirmam que, a participação desses alunos nas aulas de EF, quando orientada e estruturada adequadamente, podem trazer benefícios para eles, principalmente proporcionando integração, inserção social e desenvolvimento de suas capacidades motoras e afetivas.

Dessa forma Aguiar e Duarte (2005), defende que a EF inclusiva deve ter como eixo o aluno, para que se desenvolvam competências e condições igualitárias, buscando, portanto, estratégias para dirimir a exclusão ou segregação. Além de dar uma visão de competitividade e, também, a ter contatos físicos que são propostos pelas dinâmicas das praticas educativas que valorizem a diversidade e o respeito entre os alunos.

Logo, a forma como os profissionais de EF estão sendo preparados durante sua formação acadêmica será fator determinante para o atendimento adequado das pessoas com deficiência nas escolas como afirma Ferreira (2012). Mas, a esse respeito faz-se um questionamento; Como está sendo a formação dos professores de Educação Física para atender alunos com **Necessidades Educacionais Especiais**?

Em estudos como o de Rodrigues (2017), apontam que na formação inicial de professor de EF os conteúdos de informação sobre NEE são frequentemente inexistentes ou então pouco direcionados para a resolução de problemas concretos de planejamento, intervenção ou avaliação que o futuro profissional possa vir a encontrar.

Segundo Greguol (2003), aborda que o desafio a ser superado, trata de como sintonizar os conteúdos teóricos e práticos da formação docente com as necessidades que se apresentam. Logo, a formação e a atuação prática tem feito com que os professores sintam-se perdidos diante da missão de lidar com a diversidade em sala de aula, sobretudo pela falta de conhecimento sobre como adaptar as atividades, materiais, conteúdos programáticos e procedimentos de ensino.

Diante desse contexto, podemos observar que a educação inclusiva está ligada diretamente a “Didática”, que segundo Comenius (2006), “é a arte de ensinar tudo a todos”, onde a prática docente em seu processo de ensino e aprendizagem deve adaptar os métodos e as técnicas de maneira a obter o máximo resultado com o mínimo de esforço, alcançando assim os objetivos educacionais.

Neste sentido, considerada uma ciência que estuda os saberes necessários á prática docente, a Didática é um dos principais instrumentos para a formação do professor, pois é nela que se baseiam para adquirir os ensinamentos necessários para a prática. De acordo com Libâneo (1990, p. 26) “a didática trata da teoria geral do ensino”. Como disciplina é entendida como um estudo sistematizado, intencional, de investigação e de prática (LIBÂNEO, 1990).

Portanto, estudar Didática no Ensino Superior, não significa acumular informações sobre as práticas e técnicas do processo de ensino-aprendizagem, mas sim acrescentar em cada sujeito a capacidade crítica em questionar e fazer

reflexão sobre as informações adquiridas ao longo de todo processo de ensino-aprendizado. Veiga (2010, p. 58) diz que é preciso “tornar o ensino da Didática mais atraente e respaldado nos resultados das investigações envolvendo alunos em processo de formação”.

Neste contexto buscamos compreender a importância da disciplina Didática ofertada no curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com a formação desses profissionais na perspectiva da Educação Física Inclusiva no contexto escolar para atender aos alunos com deficiências múltiplas.

METODOLOGIA

Este estudo consiste em um relato de experiência vivenciado no Estágio e Docência do Mestrado de Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba. Os atores envolvidos nesse relato são os alunos do mestrado da área de concentração “Biologia”, a professora supervisora do mestrado e os estudantes do terceiro período do curso de Educação Física da UEPB,

O relato se dá durante o cumprimento da disciplina “Didática” ofertada ao curso de Licenciatura em Educação Física da UEPB – Campina Grande – no período de 28 de Novembro de 2016 à 03 de Abril de 2017. A turma composta por 30 alunos tinham dois encontros semanais da disciplina.

Cabe aqui ressaltar que o objetivo inicial da disciplina Didática não foi trabalhar o tema educação inclusiva, tendo em vista que, a disciplina que trabalha essa temática mais afincado, só é vista no quarto período do curso, na disciplina de Educação Física Adaptada. No entanto, a participação dos alunos levando a tais discussões, nortearam os trabalhos a serem realizados para este fim.

A condução utilizada para ministrar essa disciplina apresentou uma gama de atividades diferenciadas. No primeiro momento, no que se refere à sistematização do conteúdo transmitido aos discentes, o processo abrangeu, discussão sobre o ementário da disciplina, (planejamento do trabalho pedagógico, plano de aula, plano de curso...). Além de seus objetivos geral e específico, contemplando a importância de planejar o trabalho pedagógico e organizar procedimentos avaliativos que permitam orientar a prática docente.

No Segundo momento foi proposto pela professora orientadora apresentação de seminários com temas diversos voltados para metodologia do ensino para deficientes.

No terceiro momento os alunos foram instruídos a elaborar uma ficha de observação, baseado no texto de Pedro Reis (REIS, 2011) que trata sobre: “Observação de aulas e observação do desempenho docente”. As fichas elaboradas serviram de instrumento para observação de aula de Educação Física fora da Universidade.

No quarto e último momento, foram criadas situações de como inserir os alunos com NEE no contexto da disciplina, sendo estes vítimas da microcefalia causada pelo Zika vírus, o qual compromete as diversas funções físicas e cognitivas das crianças.

Para a realização dos circuitos foram disponibilizados materiais de atividade funcional (escada horizontal de piso, cones coloridos, discos, elásticos, instrumentos musicais; violão, maracas, brinquedos; chocalhos, apitos e utensílios domésticos). Para elaboração do circuito foi necessário à participação de todo o grupo, porém, na execução das atividades apenas dois foram selecionados; sendo um professor e um aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante as aulas expositivas ministradas no primeiro momento pela professora da disciplina, puderam-se observar alguns pontos relevantes, sendo estes: a metodologia utilizada pela professora e os questionamentos levantados pelos alunos durante os encontros. Esses dois pontos fizeram todo diferencial e nortearam as ações a serem realizadas.

As discussões iniciais giraram em torno de questionamentos do tipo: O que fazer para se realizar uma boa aula? Como é possível associar a teoria à prática nas aulas de Educação Física? Como o professor deve se portar diante dos desafios propostos?. Todos os questionamentos levaram a uma única resposta, a partir dos objetivos educacionais da Didática desenvolvida e executada pelo professor.

Diante dos questionamentos foram trabalhados conceitos de Didática, que segundo Libânio (1994), é a Didática quem apresenta os principais pontos que constitui um bom plano de aula abordando: O que? Como? Por que? Para que?. É a partir dela, que o professor faz o processo de reflexão-ação-reflexão das atividades desenvolvidas.

Nesse contexto, a professora orientadora trouxe a discussão do texto: O tempo e o Lugar de uma didática de educação Física por Caparroz (2007), que aborda sobre algumas das dificuldades que os professores de EF escolar têm encontrado para pensar sobre o seu trabalho docente do tipo: “o que ensinar”, “por que ensinar”, “como ensinar”, e “como desenvolver o planejamento de ensino”.

Norteados nessa discussão, a professora trouxe para sala de aula, planos de aula de ex-alunos de EF para serem analisados no intuito de verificar a estrutura, erros e acertos dos planos. Após análises e discussões do material, foi solicitado que os alunos, construíssem seus próprios planos de aula levando em consideração os elementos: aluno, professor, disciplina, contexto, objetivo e método.

A dinâmica de apresentação dos planos de aula consistiu em sorteio, onde alguns alunos faziam a leitura do seu plano diante da turma, e os próprios colegas davam sugestões para melhorar a execução das atividades propostas. Essa metodologia trouxe a autoreflexão quanto à colaboração na prática docente, levando em consideração as diversas sugestões que podem ser acrescentadas para melhorar as atividades educacionais.

Corroborando com isso, Damiano (2008), diz que o trabalho colaborativo entre professores apresenta potencial para enriquecer sua maneira de pensar, agir e resolver problemas, criando possibilidades de sucesso à difícil tarefa pedagógica.

O segundo momento foi marcado com as apresentações dos seminários com temas diversos tais como: *Auto Retrato de um Professor*, abordando quanto às emoções que norteiam a vida do professor, a influência do meio em decisões pessoais, a importância do espírito coletivo para crescer em conhecimento. *Aprendizagem motora na Escola*, contemplando a capacidade interligada de armazenamento, aprendizagem motora, estímulo e resposta, circuito aberto e circuito fechado e *Metodologia do ensino para deficientes*. Este último foi o ponto de partida para iniciar todo o trabalho a ser desenvolvido sobre o tema inclusão escolar.

A próxima atividade realizada traz a discussão sobre o texto de Pedro Reis quanto à observação do desempenho do professor em sala de aula, que segundo Reis (2011), diz que a observação de aula constitui um assunto sensível, principalmente quando os dados recolhidos são utilizados para a avaliação do desempenho do professor. Além disso, a observação e a discussão de aulas constituem a promoção da reflexão sobre a prática.

Após a leitura do texto de Pedro Reis, os alunos elaboraram uma ficha de observação para analisar o desempenho dos professores de Educação Física de diversas instituições, a fim de verificar a didática que cada um utiliza em suas aulas. A seguir selecionamos 4 relatos de alunos que realizaram essa atividade, os quais serão enumerando de 1 a 4, conforme descritos.

A-1: Visitou e acompanhou uma aula de Educação Física Adaptada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE Campina Grande-PB, com os alunos de Áudio comunicação. O objetivo da aula foi apresentar os

esportes aos alunos surdos, ressaltando sobre o incentivo da Bolsa Olímpico aos esportes.

Na ocasião o professor observado destacou a importância de falar de frete para o aluno, tendo em vista que eles fazem leitura labial para compreender as orientações do professor. Essa orientação fez com que o A1 pudesse refletir na importância de aprender a Linguagem brasileira de Sinais (Libras) para poder se comunicar melhor com seus alunos.

A implantação de Libras na grade curricular de todos os curso de licenciatura, conforme determina o artigo terceiro do Decreto nº 5.626/2005, foi uma sábia decisão estabelecida pelo Governo Federal que procurou mitigar o déficit na formação dos professores quanto à educação inclusiva, (BRASIL, 2005). No entanto, professores que tiveram sua formação antes deste decreto, não tiveram essa oportunidade, cabendo a estes, fazer uma capacitação extra, para poder sanar esse déficit na comunicação com os surdos.

A-2: Também visitou a APAE, acompanhando as turmas da 1º e 2º série, durante a disciplina de Artes. A aula ocorreu no turno da manhã com o objetivo de ensinar os alunos a ler e fazer cálculo, através do conto “As Tranças de Bintou” utilizando material reciclado: bolinhas papel, palitos de churrasco e potes de plásticos...

A visita à instituição fez o A2 refletir quanto ao perfil dos profissionais que trabalham com crianças especiais. Quando questionado a professora da turma o motivo da escolha em trabalhar com alunos especiais, a professora respondeu seu questionamento apresentando sua filha que é autista, “Meu motivo é minha filha” (estudante da instituição). A experiência de acompanhar essa turma fez o A2 ver esses professores com outros olhos dignos de respeito e reconhecimento pelo brilhante trabalho.

A- 3 e A-4: A observação da aula foi feita em dupla, esses alunos visitaram um grupo de Mães que trabalham com crianças autistas, conhecido por “G+”, no bairro das Malvinas em Campina Grande. A aula ocorreu no período da tarde, previamente agendadas com um número de no máximo cinco alunos, com duração de no mínimo 20 minutos. O objetivo da aula foi trabalhar a ludicidade a coordenação motora grossa (pular e saltar)

No momento da aula estavam presente 3 alunos com perfil comportamental distintos. O grau de autismo variava entre, grave, moderado e leve. O grande desafio do professor foi atender a todos, dentro de suas especificidades, respeitando quanto à predisposição de aprender, o mínimo de ruído, tendo em vista que eles possuem uma audição muito sensível.

Segundo Gomes et. al (2008), a hipersensibilidade ao som é a modalidade sensorial mais evidentemente alterada no autismo, sendo os mecanismos neurofisiológicos auditivos os mais discutidos na literatura.

Na fala do professor, ele enfatizou a importância de trabalhar em parceria com outros profissionais para que o resultado seja satisfatório, caso contrário, todo o trabalho desempenhado por ele sem continuidade irá regredir o desenvolvimento das crianças.

Levando em consideração que a aprendizagem é um processo contínuo, Bruner (1991), ressalta que, “O desenvolvimento geral do indivíduo será resultado de suas potencialidades genéticas e, sobretudo, das habilidades aprendidas durante as várias fases da vida. A aprendizagem está diretamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo”. Logo, essa atividade permitiu aos alunos A-2 e A-3 a experiência de valorizar todas as conquistas dos alunos, por menores que pareçam ser, são grande conquistas

Diante da necessidade da turma em ter mais informações sobre como o professor de Educação Física pode trabalhar com alunos de necessidades especiais, a professora orientadora (Filomena Moita), organizou duplas de orientandos do mestrado para ministrar aulas associadas ao objeto de estudo de nossas pesquisas (Combate ao *Aedes aegypti*) ao conteúdo de Educação Física para atender alunos com deficiências múltiplas.

O tema da aula ministrada foi: “A Microcefalia e as sequelas ocasionadas pelo vírus Zika transmitido pelo *Aedes aegypti*. De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2016; MELO 2015), a Microcefalia é uma má formação congênita, em que o cérebro não se desenvolve de forma adequada. Neste caso, os bebês nascem com um perímetro cefálico (PC) menor que o normal, ou seja, igual o menor que 32cm, ocasionando deficiências cognitiva, visual e auditiva.

Na perspectiva de promover a inclusão social das crianças acometidas pela Síndrome Congênita do Zika em ambiente escolar, os alunos de Educação Física foram divididos em três grupos, e orientados a desenvolver circuitos de atividades que contemplasse todas as incapacidades funcionais (cognitiva, visual e auditiva).

1º Grupo: Perca Visual

Após a escolha do material, o grupo montou um circuito de cones coloridos no meio da sala, onde a aluna cega tinha que desviar dos obstáculos guiados por um elástico preso à mão do professor, além disso, a aluna era conduzida pelo som de um pandeiro o qual o professora trabalhava lateralidade (direita, esquerda). Após os cones, a aluna desviava de um outro obstáculo (uma cadeira), seguido de mais obstáculos, onde ao invés de desviar o aluno teria que levantar o pé (direito ou esquerdo) para ultrapassar os cones, concluindo assim todo

o percurso. A seguir é possível analisar a sequência da atividade através das Figuras 1,2,3.



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Com essa atividade os alunos mostraram que é possível trabalhar com esses alunos, visto que por mais que há uma perda visual, os demais sentidos são bastante aguçados, a exemplo da audição. Além do tato o indivíduo cego se guia através dos sons, e foi justamente nessa perspectiva que os alunos buscaram trabalhar e obtiveram sucesso na realização da atividade.

2º Grupo: Perca Auditiva

A proposta desse grupo teve como objetivo, a comunicação do professor com o aluno surdo, principalmente quando esse é solicitado a realizar uma atividade que é necessária executar alguns comandos como: saltar com os pés juntos, girar em torno do próprio eixo e testar o equilíbrio. Tendo em vista que, o deficiente auditivo apresenta um pouco de dificuldade nesse aspecto. Ver imagens a seguir Figuras 1,2,3.



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Para realização dessa atividade, inicialmente, a professora fez todo o percurso mostrando como o aluno iria executar os passos para chegar ao objetivo final. A comunicação do professor foi realizada o tempo todo de frente olhando para o aluno para que ele fizesse a leitura labial, tendo em vista que a professora não falava em Libras, diante desse fato, gerou a discussão mais uma vez da importância de buscar mais conhecimento através da cadeira de LIBRAS ofertado pela UEPB.

3º Grupo: Perca Cognitiva

O circuito foi montado dentro de uma escada horizontal de piso, entre cada degrau havia um cone colorido o qual o aluno teria que utilizar um pé para cada cor do cone, semelhantemente, o mesmo ocorria com a mão. Ex: se o aluno iniciar o circuito com o pé direito no cone azul, ele só poderia colocar o pé direito novamente em outro degrau com o cone na cor azul, semelhante com o pé esquerdo e assim sucessivamente. Quando tivesse várias cores no mesmo degrau, a escolha era livre, ficava a critério do aluno. Ver imagens a seguir Figuras 1,2,3.



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Após esse circuito o aluno teria que associar a cor dos discos que estavam fora do degrau da escada à cor dos cones que estavam dentro do degrau da escada, os cones eram nas cores; azul, verde, amarelo e vermelho. Para concluir o circuito era necessário que o aluno resolver um continha de matemática sobre adição, a proposta não era escrever o número do resultado, mas separar a quantidade de lápis correspondente a resposta.

Durante a execução dessas atividades realizadas pelos alunos, foi possível ver claramente o conceito da Didática que Comenius (2006) defende “é a arte de ensinar tudo a todos”. Ou seja, não é por causa da baixa capacidade que os alunos com necessidades especiais apresentam, que não devam aprender os mesmos conteúdos que os demais, cada aluno, deve ser trabalhado de acordo com suas especificidades.

Nesse sentido, Ferreira (2012) destaca a importância de construir um conhecimento a respeito do processo de inclusão e sua aplicabilidade no ambiente escolar, para tanto também temos que nos ater que não somente os professores tem o encargo de prosseguir com a inclusão. Esta é uma responsabilidade social, envolvendo órgãos administrativos escolares e governamentais, funcionários escolares, pais e irmãos, enfim a sociedade.

CONCLUSÃO

Com esse relato vimos que a inclusão e a capacidade de se ver no outro, de aceitação, de compartilhar experiências com vários tipos de pessoas. Vimos também que por meio de uma visão inclusiva, todas as pessoas são acolhidas, sem qualquer exceção. O intuito da inclusão é, portanto, trazer todos para a sociedade, a qual devera adequar-se e se adaptar aos particulares de todos em todas as áreas sociais.

Por fim, este relato demonstra como o curso de Licenciatura em Educação Física pela UEPB, e em específico a disciplina Didática, preparou seus discentes para uma possível realidade educacional. Nas discussões em aula, percebemos o interesse de muitos dos discentes nessa área de atuação, alguns mudaram seu modo de pensar referente ao trabalho a ser desenvolvido com indivíduos com necessidades especiais. Isto permite a expansão de um modelo de preparação profissional, que, poderá induzir ao aprimoramento da formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. Educacao Inclusiva: um estudo na area de educacao fisica. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marilia, v. 11, n. 02, p. 233-240, maio/ ago. 2005. doi: 10.1590/S1413-65382005000200005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação**. Brasília, Imprensa Oficial, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educacao Fisica**. Brasilia: MEC/SEF,1998.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a **Língua Brasileira de Sinais – Libras**, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 23 de dezembro de 2005. Disponível em: . Acesso em: 20 jun. 2015.

BRUNER, J. **O Processo da educação Geral**. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1991.

COMENIUS, Jan Amós. **Didática Magna**. Aparelho crítico: Marta Fattori. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Col. Paidéia.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, p. 21-37, 2007.

DAMIANI, Magda Floriana. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar em revista**, v. 24, n. 31, p. 213-230, 2008.

FERREIRA, E.F.; BENFICA, D.T.; RODRIGUES, A.C. PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: RELATO DE EXPERIÊNCIA. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 142-152, jan./abr. 2012. ISSN: 1983-9030

FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, M. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GREGUOL, Marcia; GOBBI, Erica; CARRARO, Attilio. Formação de professores para a educação especial: uma discussão sobre os modelos brasileiro e italiano. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 3, p. 307-324, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/Special_education_teacher_preparation_A_discussion.pdf> . Acesso em: 11 de jul. de 2018.

GOMES E, PEDROSO FS, WAGNER MB. Hipersensibilidade auditiva no transtorno do espectro autístico. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2008 outdez;20(4):279-84.

HEGARTY (1994)"Integration and the Teacher" in: C.J.W, Meyer, S.J.Pijl and S. Hegarty (eds.) *New Perspectives in Special Education: a Six Country Study of Integration*, London, Routledge.

LIBÂNEO. José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MELO, Adriana S.O: et al. Zika vírus intrauterine infection causes fetal brain abnormality and microcephaly: tipo f the iceberg?. *Ultrasound Obstet Gynecol*. V.47. p.6-7, 2016. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/uog.1583/abstract>. Acesso em: 10 de jul. 2018.

REIS, Pedro. Observação de aulas e avaliação do desempenho docente. **Ministério da Educação**. Lisboa, 2011. Disponível em: < http://www.ccap.min-edu.pt/docs/Caderno_CCAP_2-Observacao.pdf>. Acesso em: 10 de Jul. 2018

RODRIGUES, David. A Educação Física perante a Educação Inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física**, n. 24-25, p. 73-81, 2017. Disponível em: <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/viewFile/111/98>. Acesso em: 11 de Jul.2018.

UNESCO (1994) *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das Necessidades Educativas Especiais*, Lisboa, IIE.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência como Atividade Profissional**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2010.